

PROJETO CORPOS EM DEBATE: DEZ ANOS DISCUTINDO CORPO E CULTURA*

Simone Freitas Chaves¹

chavessimone@terra.com.br

Jorge Felipe Fonseca Moreira²

jorgecoluma@gmail.com

Juliana Alves Sorrilha Monteiro³

julianasorrilha@yahoo.com.br

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

²Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)

³Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ)

RESUMO

Este relato compartilha a trajetória do projeto Corpos em Debate, que vem se construindo indissociado à pesquisa no campo corpo e cultura e à docência e formação em todos os níveis de ensino. A proposta é problematizar e desnaturalizar visões/comportamentos estereotipados e excludentes dos sujeitos a partir da aparência corporal através de oficinas que privilegiem a escuta, leitura das mídias, colaboração e transdisciplinaridade.

PALAVRAS-CHAVE

Corpos em Debate; Corpo; Cultura.

INTRODUÇÃO

Vemos experienciando ao longo das últimas décadas transformações aceleradas em um imaginário relativo ao corpo nas sociedades ocidentais. Para sermos mais precisos, tais mudanças têm sido comumente demarcadas situando a década de 1960 como um importante divisor nas mentalidades dos discursos e práticas voltadas aos corpos na contemporaneidade (LE BRETON, 1995, 2003; BOUDRILLARD, 1995; TURNER, 1989).

Contribuem para esse contexto de instituição de um novo imaginário, um conjunto de fenômenos complexos cuja tessitura confere centralidade ao homem e seu corpo, em uma perigosa dicotomia ou "esquizofrenia" já alertada por Le Breton. Entre tantos destes fenômenos, a manipulação e transformação corporal, possíveis não somente pelos avanços no campo da ciência médica, medicina molecular, estética, próteses, mas também pelo volume de informações, saberes e práticas cada vez mais acessíveis e incorporados no cotidiano dos sujeitos no trato com seus corpos nos diferentes estratos sociais.

* Este projeto contou com o auxílio do edital PROFAEX UFRJ 2018.



O imperativo da forma corporal a partir de um padrão, aponta deslocamentos no afrouxamento de uma moral coletiva para um sentido de dever cada vez mais exigente consigo, em que a gestão do corpo pode exigir um controle disciplinar quase ascético. Tal imperativo corporal circula sobretudo no fluxo de imagens de uma sociedade globalizada, cujo padrão eurocêntrico ainda mantém sua hegemonia, em que pese uma crescente demanda de espaços nos diferentes veículos midiáticos reclamando a diversidade concreta dos corpos (ORBACH, 2010).

Bem, este breve recorte de um cenário mais amplo e complexo, se reflete no campo acadêmico inclusive na criação e consolidação de espaços de discussão como este do Grupo de Trabalho Temático Corpo e Cultura (GTTCC) no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Também na esteira deste amadurecimento do campo propomos aqui compartilhar um relato de experiência sobre a trajetória de mais de dez anos do Projeto de extensão “Corpos em Debate”, que se construiu de forma indissociada no aprofundamento da dimensão da pesquisa; no compromisso docente em traduzir o amadurecimento e os desdobramentos dessa dimensão teórica ao nível de práticas pedagógicas, e, por fim, na tentativa de inserir essa discussão em uma atuação nos currículos de educação básica, e na formação inicial e continuada de professores.

Nesta dinâmica, este trabalho teria também interface com outros GTTs, mas foi aqui submetido por toda a trajetória de pesquisa da autora neste GTT e pela experiência deste compartilhar exitoso em muitos fóruns de discussão sobre o corpo em que nos apontavam a relevância e a singularidade do projeto justamente pela proposição da intervenção em temas tão complexos.

O PROJETO CORPOS EM DEBATE

O projeto Corpos em Debate foi criado em 2007, a partir de uma conjunção de demandas: o interesse dos alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro na disciplina “Corpo, arte e educação” obrigatória no currículo porém com uma carga horária mínima; a conclusão dos estudos de doutorado em que continuamos o investimento na compreensão deste imaginário contemporâneo dos fenômenos de investimento e transformação corporal; e a relevância de tratar essas questões no currículo escolar, sobretudo pela adoção de discursos e práticas danosos com relação aos próprios corpos sem que haja, muitas vezes, nenhum tipo de discussão e escuta sobre o assunto com os alunos.

O projeto apresenta uma natureza transdisciplinar, o foco tem sido alunos e professores da rede pública de ensino, de diferentes faixas etárias, desde os primeiros anos do ensino fundamental, onde nosso desafio se iniciou. O trabalho tem a duração de, no mínimo, um semestre, através de oficinas que mobilizam diferentes tipos de linguagens: música, dança, teatro, desenho, vídeos, filmes, propagandas etc.

No plano da ação, propomos desnaturalizar um conjunto de representações que apontem para visões/comportamentos estereotipados, estigmatizadores e excludentes dos sujeitos, construídos na interação entre os diferentes grupos sociais, a partir da sua condição corporal. Desejamos promover espaços nos ambientes de aprendizagem que potencializem uma discussão e compreensão crítica da realidade inscrita nos corpos dos diferentes grupos sociais marcados pela pluralidade, diversidade e contradições características da vida em sociedade.

Ao longo do percurso a práxis é movida pela indissociação do olhar investigativo dialogando com a vasta circulação de imagens presentes e produzidas pelas diversas mídias. O movimento é transcender uma visão dicotômica, compreendendo o corpo como síntese e presença do sujeito no mundo. Por fim, estabelecer relações entre a cultura corporal vivida pelos grupos sociais e as suas interfaces com as esferas da mídia, moda, consumo, sexualidade, gênero, entre outras.

Neste trajeto, em 2007, foi realizado um projeto piloto em uma escola pública do município de Nova Iguaçu na baixada fluminense (RJ), na época, sede do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, onde a coordenadora era docente; no ano seguinte foi operacionalizado com fomento do edital de extensão. Ao longo destes anos, seis princípios metodológicos foram estruturados orientando a prática pedagógica do projeto Corpos em Debate, são eles: a Ludicidade, Leitura crítica das



diferentes mídias, Dinâmica problematizadora, Ambientes para livre expressão (escuta e uso de diferentes linguagens), Abordagem transdisciplinar e aprendizagem através da Colaboração/cooperação. Tais princípios se mostram, na maioria das vezes, competências mais complexas que os próprios objetivos do projeto e Freire (2010) nos ajuda a compreender quando diz que a rigorosidade metódica é uma das principais características da docência comprometida com a transformação social.

UM POUCO DAS NOSSAS HISTÓRIAS...

Logo na primeira intervenção do projeto, no piloto já mencionado, trabalhamos com uma turma do 4º ano, crianças de 8-9 anos, que assistiram ao filme Shrek 2 em uma das oficinas. Nesta história, Shrek, um ogro, toma uma poção mágica e torna-se um lindo príncipe. Deste filme, levantamos várias questões sobre a aceitação social do Shrek quando era ogro e quando sua aparência corporal se transformou, as crianças fizeram profundas reflexões, uma delas disse que no final ele optou por voltar a ser ogro porque queria ser “ele mesmo”! Neste dia tivemos clareza da necessidade de tematizar essas questões no currículo, ao final da aula uma criança gordinha veio até nós e disse: “Hoje me sinto mais respeitado aqui na sala”.

A série de encontros começa, geralmente, com uma oficina em que pedimos que os estudantes escolham imagens de revistas que representem “Quem eu sou?” e “Quem eu gostaria de ser?” A partir da exposição e da análise das imagens por todo o grupo, emanam os eixos que trataremos ao longo do trabalho. Esta oficina comumente nos aponta as estereotípias e, por muitas vezes, uma negação da autoimagem quando crianças negras se representam como brancas e loiras. Ao longo de todos esses anos essa identificação acontece com extrema regularidade como resposta a pergunta: Quem eu sou? Já houve casos de turmas em que 99% das crianças eram negras e repetirem esse padrão eurocêntrico que passa a ser um eixo de desenvolvimento do projeto, inclusive pela reflexão das imagens que temos para nos identificar nas grandes revistas de moda e amenidades.

Em um outro trabalho, ao final de um dos ciclos desenvolvendo o eixo das relações étnico-raciais, uma mãe veio nos parabenizar e dizer que o filho assistia televisão analisando a desigualdade de participações entre negros e brancos nas mídias, pois não correspondia à realidade brasileira. Observou inclusive, que num filme passado à época, o “Lanterna verde”, o protagonista havia virado “branco” para o cinema. Ainda neste ciclo, durante o trabalho, os alunos foram percebendo e desnaturalizando a ausência de super-heróis negros e se propuseram a criar esses personagens, suas histórias e livros para contá-las. Um dos meninos se recusou a desenhar pois disse que “não existiam super-heróis negros”. Da reflexão sobre essa experiência resultaram muitos trabalhos acadêmicos e ricas trocas em diferentes campos de conhecimento.

Para além da complexidade de traduzir esses temas em práticas pedagógicas, vivemos nos últimos anos uma dificuldade nos princípios que sustentam o projeto, pois mobilizar a escuta, livre expressão, colaboração e ludicidade no ambiente escolar ainda se contrapõe a visão de ensino e aos modelos de docência presentes nas maiorias das instituições brasileiras, sem considerar a educação de valores vivida nas famílias pois nossa atuação se dá nas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, em sua grande maioria localizadas em comunidades cuja rotina de violência e abandono do poder público são flagrantes.

Em um dos últimos trabalhos, o processo se deslocou para o exercício dos princípios e culminou com uma gincana de boas práticas. Ao longo de 4 meses as turmas foram construindo sentidos de pertencimento a uma comunidade, reforçando o respeito, a escuta genuína às necessidades do grupo e progressivamente com processos de expressão mais qualificados e intensos.

Enfim, como educadores que somos, parafraseando Rubem Alves nas suas conversas de quem gosta de ensinar, nos dedicaríamos a intermináveis relatos de como fomos construindo práticas que não existiam no papel, nas redes, guiados pelas demandas dos grupos sociais em que mediamos, com um longo processo pesquisa, intervenção, reflexão. O ponto de partida tem sido o desejo/desafio de criar práticas pedagógicas que diversifiquem o uso de linguagens, permitam a escuta e expressão, problematizem e desnaturalizem estereótipos e, acima de tudo, tragam o corpo a cena como protagonista na educação,



um corpo sujeito único, inteiro, em sua rede de interrelações, tudo isso de forma lúdica e colaborativa. O desafio é incessante pois a cada novo grupo as “fórmulas” precisam ser reinventadas, num processo de muita instrução, inspiração e transpiração!!!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse tempo o projeto esteve em mais de dez escolas públicas e promoveu vários cursos de formação docente, ampliando o olhar sobre a formação humana e sobre as relações entre corpo, cultura e educação, temática ainda pouco discutida nos cursos de licenciatura. Dos inúmeros relatos discentes e docentes sobre avaliação no projeto, a questão que vem a tona traz o quanto passaram a “enxergar” de forma mais crítica as imagens que fazem parte do cotidiano através das diferentes mídias. A relação com os próprios corpos e com os outros também se altera de forma a estar mais sensível a escuta de si e dos outros minimizando os conflitos e agressões.

Todos os estudantes de graduação que participaram do projeto como monitores, ao se formarem, seguiram a carreira docente, principalmente em instituições de ensino público. A maioria se titulou mestre e/ou doutor em educação e áreas afins, reforçando a relevância na construção de práticas que transcendessem os currículos formais e promovessem uma escuta mais sensível, sobretudo na educação física.

Outra importante contribuição tem sido a ruptura de alguns paradigmas presentes na compartimentalização do saber empreendido pela lógica disciplinar do currículo, desenvolvendo uma ação pedagógica que resgate o contexto, a realidade, os conflitos e tensões da realidade social inscrita nos corpos-sujeitos, mas sobretudo que resgate uma educação pela/para a sensibilidade, em que a inteireza, o acolhimento e a escuta sejam também competências de aprendizagem.

BODIES IN DEBATE PROJECT: POR TEN YEARS DISCUSSING ABOUT BODIES AND CULTURE

ABSTRACT

This report shares the trajectory of the *Corpos in Debate* Project. It aims to problematize and deconstruct the subjects' stereotyped and exclusionary views/behaviors based on the body appearance in workshops that privilege listening, reading of the media, collaboration and transdisciplinarity.

KEYWORDS: *Bodies in Debate; Body; Culture.*

PROYECTO CORPOS EN DEBATE: DIEZ AÑOS DISCUTINANDO CUERPO Y CULTURA

RESUMEN

Este relato comparte la trayectoria del proyecto *Cuerpos en Debate*, la propuesta es desnaturalizar visiones / comportamientos estereotipados y excluyentes de los sujetos a partir de la apariencia corporal a través de talleres que privilegien la escucha, lectura de los medios, colaboración y transdisciplinariedad.

PALABRAS CLAVE: *Cuerpos en Debate; Cuerpo; Cultura.*

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- LE BRETON, David. *Antropología del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2003.



- LIPOVETSKY, Gilles. *O Crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- ORBACH, Susie. *La tiranía del culto ao cuerpo*. Trad. Vanessa Casanova. Madrid: Espasa Libros, 2010.
- TURNER, B.S. *El cuerpo y la sociedad – Exploraciones em teoria social*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

